



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA E MEIO AMBIENTE
CURSO DE BACHARELADO EM ECOLOGIA

MARIA CHRISTINA VICENTE VASCONCELOS

**RECURSOS VEGETAIS EM UMA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL NO MUNICÍPIO
DE SÃO JOÃO DO TIGRE- PARAÍBA, BRASIL.**



RIO TINTO – Paraíba

2012

MARIA CHRISTINA VICENTE VASCONCELOS

**RECURSOS VEGETAIS EM UMA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL NO MUNICÍPIO
DE SÃO JOÃO DO TIGRE- PARAÍBA, BRASIL.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Bacharelado em Ecologia, da
Universidade Federal da Paraíba, em
cumprimento aos requisitos
necessários para obtenção do grau de
Bacharel em Ecologia.**

Orientadora: Prof^a. Dra. Zelma Glebya Maciel Quirino.

RIO TINTO – Paraíba

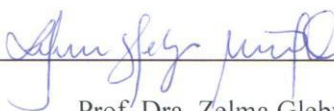
2012

MARIA CHRISTINA VICENTE VASCONCELOS

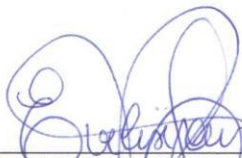
Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ecologia, da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Bacharel em Ecologia.

Aprovada em 23 de 04 de 2012

BANCA EXAMINADORA

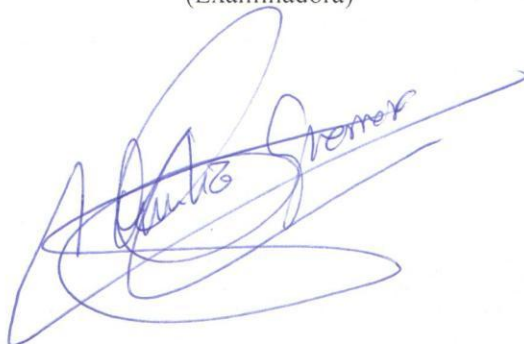


Prof. Dra. Zelma Glebya Maciel Quirino
Universidade Federal da Paraíba
(Orientadora)



Prof. Dra. Evelise Locatelli
Universidade Federal da Paraíba
(Examinadora)

Ana Maria Quilez Guerrero
Universidad de Sevilla
(Examinadora)



V331r *Vasconcelos, Maria Christina Vicente.*

Recursos vegetais em uma área de proteção ambiental no município de São João do Tigre - Paraíba, Brasil / Maria Christina Vicente Vasconcelos. – Rio Tinto: [s.n.], 2012.

48 f.: il. –

Orientador: Zelma Glebya Maciel Quirino.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCAE.

1.Meio ambiente – recursos vegetais. 2.Índices de diversidade. 3.Cariri Paraibano.

UFPB/BS-CCAE

CDU: 581.52(043.2)

“Ampara a natureza, sem retirar dela mais que o necessário, à tua própria subsistência, porque perante a eterna sabedoria, todos estamos interligados às pedras e às flores, aos animais e aos homens, aos anjos e às ostras, numa cadeia de amor infinito”

Chico Xavier (1910 – 2002).

**“Estamos condenados à civilização.
Ou progredimos ou desaparecemos.”**

Euclides da Cunha (1868 – 1909).

**A minha mãe Maria, por não medir esforços para
que eu pudesse chegar até aqui.**

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Nesse trabalho aprendi o verdadeiro sentido da palavra superação e humildade e, aprendi também o quanto as nossas escolhas, sejam elas boas ou más, definem os rumos traçados em nossas vidas. Por mais árduo que fosse o caminho para a conclusão desse trabalho, devo corroborar que esse estudo não chegaria ao término sem o apoio e a colaboração de pessoas especiais, aos quais expresso abaixo os meus mais sinceros agradecimentos.

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado força e coragem para não desistir diante dos desafios, me permitindo sempre seguir em frente.

Aos moradores do município de São João do Tigre, pela hospitalidade e por todo o conhecimento passado de forma tão cautelosa.

À professora Zelma Glebya Maciel Quirino, minha orientadora, por quem tenho tamanha admiração, pela paciência, dedicação, amizade, confiança, incentivo e por toda a disponibilidade que mostrou ter durante todo esse tempo.

À pesquisadora Ana Maria Quilez Guerrero, agradeço por ter aceitado o convite para participar da banca examinadora, pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições.

À professora Evelise Locatelli, por ser sempre tão gentil e disposta a ajudar, por sempre participar da minha vida acadêmica, não sendo diferente hoje, aceitando o convite para participar da minha banca examinadora.

Agradeço aos professores por seus afetos e disponibilidade para nos passar seu vasto conhecimento. Tenho ampla certeza de que se enxerguei longe é porque estive em ombros de gigantes.

A todos que compõem o LABEV- Laboratório de Ecologia Vegetal e a minha magnífica equipe de apoio, Augusto Queiroz, Kalyna Bandeira e Valéria Raquel pela cumplicidade e ajuda nas horas mais difíceis, que sem eles o trabalho não seria realizado.

Ao motorista seu Antonio Leandro, que sempre dispôs a prestar seus serviços para a nossa equipe, com carinho, alegria e zelo.

Ao Sr. Paulo, por sua dedicação e auxílio nas atividades de campo.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa, sem a qual essa pesquisa não poderia ser realizada.

Agradeço também a *Universidad de Sevilla*, por me proporcionar a participação em seu projeto de extensão, abrindo novos caminhos para minha trajetória acadêmica e também por proporcionar novos ensinamentos e a bolsa de cooperação espanhola.

Aos meus pais Maria Vicente e Antonio Albuquerque, por serem os maiores incentivadores de meus sonhos, pelo aprendizado da convivência, por me ensinarem que sem esforço, não há batalha ganha, lutando sempre com perseverança, amor e fé.

Aos meus avós José Vicente e Delfina Vasconcelos, tios, tias e primos, pelo apoio e torcida, sempre acreditando no acerto do próximo passo.

A minha família adotiva Ivo, Fátima, Ilka, Bruno, Waltercia, Yuri e Igor Amorim, por todo o carinho, atenção, acolhimento e amor que recebi durante o término da minha graduação.

As amigas de infância Raianne Hellen e Rayssa Marinho, por todo o zelo, companheirismo e amor em que, mesmo distante, se fazem presente em todos os momentos de minha vida.

Obrigada às amigas de sempre Vanessa Dantas e Jaciara Silva, meninas formidáveis que tive o privilégio de conhecer e conviver e sem dúvidas, foram peças necessárias para o meu crescimento dentro e fora da universidade. E aos amigos Aliny Santos e Arnaldo Paz, por em pouco tempo, estarem presentes em todos os momentos de minha vida.

Aos amigos de curso Alexandre Nascimento, Marcus Raffael e Taysla Almeida, por me proporcionarem momentos mais agradáveis no âmbito acadêmico.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho. Aos que me ouviram, me ajudaram, me criticaram, e me ensinaram durante toda a minha vida, meu muito obrigada.

Lista de figuras

Figura 1: Mapa do estado da Paraíba com a indicação da área estudada.....	17
Figura 2: Distribuição dos informantes por nível escolar em São João do Tigre– PB.....	22
Figura 3: Doenças comuns na população DE São João do Tigre – PB.....	23
Figura 4: Curva de acumulação obtida em São João do Tigre (— = MF).....	27
Figura 5: Parte das plantas utilizadas nas preparações das espécies medicinais no município de São João do Tigre – PB.....	28

Lista de tabelas

Tabela 1: Espécies de plantas identificadas dentre as citadas, com os seus respectivos usos pelos entrevistados no Município de São João do Tigre – PB.....	24
Tabela 2: Espécies de plantas medicinais utilizadas no município de São João do Tigre – PB.....	29
Tabela 3: Consenso dos informantes do município de São João do Tigre –PB, para uso de plantas medicinais.....	32

SUMÁRIO

Resumo.....	12
Abstract.....	13
Introdução.....	14
Material e Método.....	16
Resultados e Discussão.....	21
Conclusão.....	35
Referências.....	36
Anexos.....	40

**MANUSCRITO A SER ENVIADO À REVISTA BRASILEIRA DE
PLANTAS MEDICINAIS.**

Recursos vegetais em uma área de proteção ambiental no município de São João do Tigre – Paraíba, Brasil.

VASCONCELOS, M.C.V. ^{1*}; QUIRINO, Z.G.M.².

¹ Graduanda em Ecologia, Laboratório de Ecologia Vegetal, Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Engenharia e Meio Ambiente, Rua da Mangueira S/N, CEP: 58.297-000, Rio Tinto, Paraíba.

[*chris_vasconcelos@hotmail.com](mailto:chris_vasconcelos@hotmail.com)

² Laboratório de Ecologia Vegetal, Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Engenharia e Meio Ambiente, Rua da Mangueira S/N, CEP: 58.297-000, Rio Tinto, Paraíba.

RESUMO: A etnobotânica expõe como principal característica de estudo o contato direto com as populações tradicionais, resgatando todo o conhecimento possível sobre a relação de afinidade entre o homem e o uso das plantas de uma determinada comunidade. Objetivou-se realizar o levantamento e as formas de uso das plantas utilizadas no município de São João do Tigre-PB, onde está inserida a APA das Onças, a maior unidade de conservação do estado. A região de estudo localiza-se no Cariri Paraibano, situado no domínio da caatinga, com clima quente e seco e vegetação xerófila. A metodologia utilizada constituiu em entrevistas semi-estruturadas com 130 informantes de residências distintas, representando 10% do total de famílias da comunidade, foram questionados aspectos sociais, culturais e o uso das plantas com fins medicinais. Foram registradas um total de 97 espécies, reunidas em 45 famílias, com maior representatividade foram: Fabaceae(12 spp.), Asteraceae(6), Euphorbiaceae(6), Lamiaceae(6), Anacardiaceae(5) e Cactaceae(3). Os informantes apresentaram faixa etária entre 17 e 96 anos, destacando que os mais velhos possuem um maior

conhecimento sobre o assunto. O índice de diversidade e de equitabilidade para as espécies citadas apresentou elevados valores indicando uma alta diversidade de espécies utilizadas pela comunidade. Os dados levantados comprovam o potencial de uso que possui a flora da região do Cariri e também reforçam a importância da biodiversidade sobre as comunidades, possibilitando o início do manejo da vegetação local, sugerindo maneiras que ampliem a produtividade deste recurso de uma forma sustentável. As comunidades não utilizam só as espécies nativas, utilizam também as exóticas e em grande número, demonstrando que está havendo uma perda da cultura tradicional.

Palavras- chave: Saber popular, Cariri Paraibano, índices de diversidade.

ABSTRACT: Use of plant resources in an environmentally protected area in the São João do Tigre municipality, Paraíba State, Brazil. The ethnobotany exposes as a main study characteristic of a straight contact with the traditional populations, bringing back all the possible knowledge about the relation of affinity between the man and the using of plants of a particular community. Aimed to conduct the survey and the way of the manipulation of plants used at the city of São João do Tigre at Paraíba state where is located the APA das Onças, the biggest conservation unit of the state, situated at the field of caatinga, with a dry and hot weather and a vegetation adapted to very dry regions. The methodology applied is based in semi-structured interviews with 130 informers from different residences, representing 10% of the totals of families of the community. They were asked about social and cultural aspects and the using of the plants for medicinal purposes. 97 species, gathered in 45 families with the ones with more representativeness were: Fabaceae(12), Asteraceae(6), Euphorbiaceae(6), Lamiaceae(6), Anacardiaceae(5) and Cactaceae(3). The informers were between 17 and 96 years old, noting that the oldest ones have got more knowledge about the subject. The index of diversity and equitability for the species mentioned showed high values indicating a high diversity of species used

by the community. The data collected show us the potential of using of the regional Cariri vegetation and reinforce the importance of the biodiversity over the communities, allowing the start of management of the local vegetation, suggesting manners to enlarge the productivity of these resources through a sustainable way. The communities don't use only the native species but also exotics ones and in a big quantity, showing through this that a loss in the traditional culture is happening nowadays.

Key – words: Popular knowledge, Cariri Paraibano, contents of diversity.

INTRODUÇÃO

A etnobotânica inclui todos os estudos concernentes à relação mútua entre populações e as plantas (Cotton, 1996). Unifica-se nesta, os fatores culturais e ambientais, bem como as concepções desenvolvidas por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas (Albuquerque, 2005). Para Albuquerque & Lucena (2004) é de fundamental importância o papel das populações locais no manejo de recursos naturais, devendo estas serem incorporadas nos programas de desenvolvimento local.

Embora possuam inúmeros atributos o bioma Caatinga está na lista dos menos estudados do Brasil, sendo também um dos que mais sofreram com a interferência humana (Castelletti et al., 2004). Segundo Maia (2004), este bioma encontra-se em um estado muito devastado, tendo reduzido drasticamente o seu potencial de produção, sendo isto consequência de um conjunto de ações prejudiciais causadas pela população que não está consciente dos efeitos em longo prazo.

A microrregião do cariri paraibano também com esta realidade, encontra-se situada no platô da Borborema. Uma das regiões mais xérica do Nordeste Brasileiro, com temperatura média anual é 26°C e médias mínimas inferiores a 20°C, a umidade relativa do ar não ultrapassa 75% (Barbosa et al. 2007). A precipitação média anual que não

atingi 600 mm, sendo os mais baixos índices pluviométricos do Brasil (Moreira, 1988), o que condiciona a riqueza e a diversidade da vegetação. Sua composição florística é heterogênea (Agra, 1996), constituída de espécies caducifólias, espinhosas, muitas vezes áfilas (Carvalho & Carvalho, 1985). Contudo, poucas áreas são protegidas, sendo a APA das Onças a maior área de proteção da Paraíba.

Além da pouca existência de dados a cerca da florística, os estudos etnobotânicos são escassos de maneira geral no semiárido brasileiro, refletindo um pouco a falta de interesse por esse tipo de região, embora já considerada por Janzen (1997) como um dos mais ameaçados ecossistemas do planeta. Uma alternativa que tem sido apontada para solucionar esse problema seria o estudo sobre o conhecimento e uso que as populações locais fazem dos recursos naturais e a análise detalhada do impacto de suas práticas sobre a biodiversidade (Albuquerque, 1997). As populações locais, no geral, possuem uma proximidade muito grande com o meio a sua volta. Isto ocorre, dentre outros motivos, pela necessidade de explorar do meio, recursos que serão utilizados para as mais variadas finalidades. Essas populações possuem geralmente um alto conhecimento sobre o ambiente (Amorozo, 2002).

Diante desse quadro, surge a necessidade de se desenvolver trabalhos que elevem a potencialidade das plantas medicinais locais, caracterizando-as e sugerindo maneiras que ampliem a produtividade deste recurso de uma forma sustentável. A etnobotânica auxilia na identificação desses usos, apontado às formas com as quais determinadas populações fazem o manejo da sua vegetação.

O presente trabalho teve por objetivo o levantamento dos potenciais de uso dos recursos vegetais da comunidade da APA das Onças, São João do Tigre – Paraíba, Brasil, tornando-se uma forma de contribuição para as comunidades instaladas no local, estas que dependem diretamente dos recursos vegetais. Buscando incentivar ações que

favoreçam o manejo correto da vegetação, planos de recuperação e de conservação da área estudada.

MATERIAL E MÉTODO

Caracterização da área de estudo

O município de São João do Tigre, com área de 816 km² (Figura 1), está localizado no Nordeste do Brasil na ecorregião da depressão sertaneja setentrional, distando 243 km da capital deste estado. Apresenta 1.300 famílias e 1.413 domicílios, destes 495 são urbanos e 918 são rurais, e, apenas quatro unidades de saúde (IBGE, 2010).

De acordo com o IBGE (2010), o município apresenta uma população de 4.396 habitantes, os quais sobrevivem em sua maioria, da agricultura de subsistência e da criação de rebanho bovino e caprino. As principais atividades econômicas são a agricultura familiar, a criação de rebanhos e a fabricação de carvão, para autoconsumo e comercialização. Algumas atividades voltadas ao turismo começam a ser implantadas, visto que essa é a maior área de preservação ambiental do estado, apresentando uma grande beleza natural e, com isso, as influências externas vêm se tornando marcantes no município.

A vegetação é basicamente composta por caatinga hiperxerófila com trechos de floresta caducifólia, o clima é do tipo Tropical semiárido com chuvas de verão, com precipitação média anual de 431,8mm. No qual está inserido a APA das Onças, está que tem uma extensão de 360 km², com uma mistura de serras e planícies, a área apresenta cerca de 73% do seu território coberto por matas (Secretaria de Turismo, 2010).

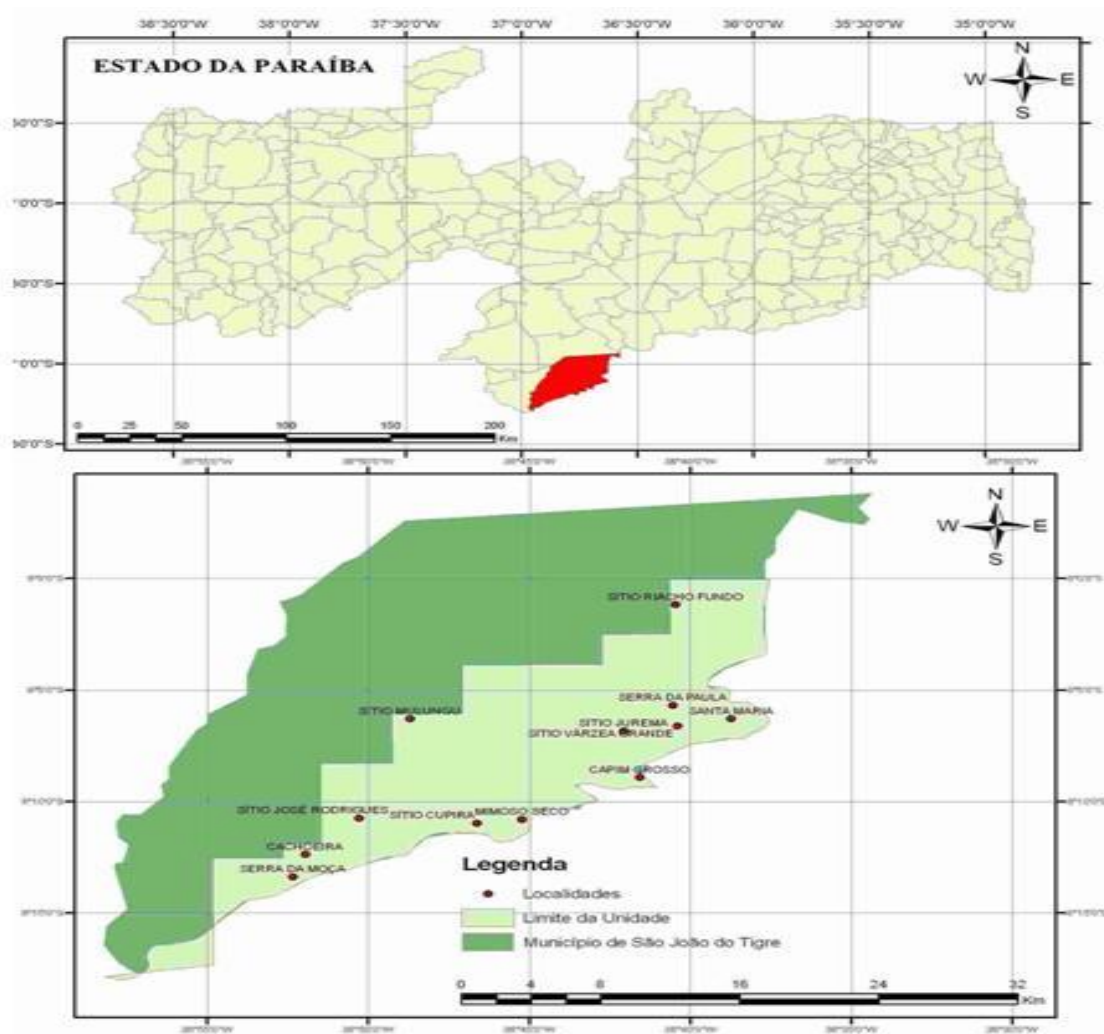


Figura 1. Mapa do estado da Paraíba com a indicação da área de estudo.

Coleta de dados

Os trabalhos de campo foram realizados no período compreendido entre setembro de 2010 e novembro de 2011. Através de um questionário semi-estruturado (Anexo), foram realizadas entrevistas nas próprias residências dos informantes, observação participante, amostragem de vegetação e identificação, visando à obtenção de características socioeconômicas dos informantes, características botânicas das plantas utilizadas como recurso e suas devidas indicações.

Foram registradas informações essenciais para o reconhecimento das espécies como nome popular, indicação de uso e formas de aquisição das plantas, além de dados dos entrevistados como sexo, idade, escolaridade e frequência de utilização.

As entrevistas foram realizadas com 10% do número total de famílias, tanto da zona urbana, quanto da zona rural. A zona urbana compreendeu um limite do centro da cidade até as ruas circunvizinhas e a zona rural compreendeu dois distritos principais, Santa Maria e Cacimbinha e sítios próximos. As residências foram selecionadas aleatoriamente, com base na disposição dos moradores em colaborar com a presente pesquisa. Apresentando um total de 130 entrevistados.

Um *checklist* foi elaborado contendo nomes científicos e vulgares, bem como finalidades terapêuticas, formas de uso e partes utilizadas. As famílias, gêneros e espécies encontram-se em ordem alfabética.

Análise dos dados

Com base nas informações obtidas foi processada uma análise qualitativa e quantitativa dos dados com objetivo de identificar as plantas mais importantes e o grau de coincidência das respostas dos informantes. Através da elaboração de uma tabela com todos os dados obtidos nos questionários, permitindo uma observação clara e precisa dos resultados, facilitando as análises e discussões, adaptando a metodologia proposta por Molina (2009). Foram catalogados dados referentes aos usos:

- a) Nome Científico
- b) Família
- c) Nome Popular
- d) Número do informante
- e) Idade do Informante
- f) Localidade
- g) Uso
- h) Parte da planta utilizada
- i) Indicação (quando medicinal)
- j) Receita da utilização (quando medicinal)

- k) Categorias terapêuticas (quando medicinal)
- l) Frequência de uso (quando medicinal)
- m) Onde adquire (quando medicinal)
- n) Se cultiva, onde? (quando medicinal)
- o) Guarda em casa? Onde guarda? (quando medicinal)
- p) Como adquiriu o conhecimento (quando medicinal)

Para a catalogação dos dados socioeconômicos dos entrevistados:

- a) Sexo
- b) Profissão
- c) Escolaridade
- d) Renda
- e) Habitação
- f) Cultura permanente
- g) Rebanho
- h) Destinação do lixo
- i) Doenças comuns na comunidade

As plantas foram separadas em 5 categorias de uso: medicinal, alimentícia, madeireira, combustível e forrageira. Levando-se em consideração que a disponibilidade desses recursos e atendimento das necessidades da comunidade obedece a fatores temporais, tendo em vista que em alguns períodos de seca, algumas plantas apresentam o seu uso limitado (Roque, 2009).

As espécies medicinais com aplicação terapêutica consideradas neste trabalho incluem, além daquelas indicadas para afecções que têm correspondência na medicina oficial, também aquelas espécies usadas para doenças e estados de desconforto que são identificados pela população local, mas não reconhecidos pela biomedicina, como, por

exemplo, quebrante, inveja, feitiço, considerando-se que fazem parte do universo nosológico das comunidades estudadas (Bruneli 1987). As doenças citadas pelos informantes foram agrupadas em 14 categorias, com base na classificação das doenças proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS 2000), contudo, as doenças ou estados que não puderam ser incluídos nesta classificação geral foram agrupadas na categoria “doenças culturais”.

Para a análise dos dados, foram utilizadas medidas comumente empregadas em Ecologia e adaptadas por Begossi (1996), tais como o índice de diversidade de Shannon-Wiener e de equidade de Pielou, respectivamente:

$$H' = - \sum p_i \log p_i,$$

onde, $p_i = n_i/N$, sendo, n_i = nº de citações por espécie; N = número total de citações.

$$e = H' / \log S,$$

onde, H' = índice de Shannon-Wiener; S = riqueza de espécies.

A curva de acumulação foi calculada para se verificar a suficiência amostral, levando em conta o número de citações por espécie, considerando apenas uma citação de uso por informante por planta.

O nível de fidelidade, descrito por Friedman et al. (1986), em que quantifica a importância de uma determinada espécie para uma indicação em particular.

$$FL = (I_p/I_u) \times 100\%$$

onde, FL = nível de fidelidade; I_p = Número de informantes que citaram o uso principal da espécie; I_u = número total de informantes que citaram a espécie para qualquer finalidade.

Foram feitos também a identificação dos sistemas corporais que apresentam maior importância nas entrevistas, foi utilizada a técnica adaptada de Trotter e Logan (1986), em que é baseada no “consenso dos informantes”. Os sistemas corporais são uma subcategorização da categoria de uso “Medicinal”, pois agrupam doenças relacionadas com os diversos sistemas, obtêm-se o FCI através da seguinte fórmula:

$$FCI = (nur - nt) / (nur - 1)$$

onde, FCI= fator de consenso do informante; nur= o número de citações de usos em cada sub-categoria; nt= número de espécies usadas nesta sub-categoria.

O valor máximo que uma categoria pode atingir é 1(um), quanto mais próximo deste valor, maior a concordância entre os informantes, sobre o uso das espécies nas diferentes sub-categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização socioeconômica dos entrevistados

Com a análise dos dados foi possível fazer um levantamento sócio econômico do município, observando o modo de vida dos habitantes do município. Dos 130 entrevistados 116 eram mulheres e 14 homens, com faixa etária entre 17 e 96 anos, em que 79% têm 40 anos ou mais. É possível observar diferenças de domínio cognitivo com relação às plantas dentro de uma comunidade relacionadas com a idade de sexo, como já relataram diferentes pesquisadores (Phillips & Gentry, 1933a,b; Amoroza, 1996).

Em relação ao grau de escolaridade pode-se observar que a maioria da população é analfabeta ou semi-analfbeta, sabendo escrever apenas o seu nome, em que poucos ainda chegaram ao fundamental completo (Figura 2), os dados apontam que o índice de analfabetismo é maior em pessoas de maior idade. Segundo Ming & Amaral Junior (1995), isso pode colaborar na consolidação de processos de repasse de informações pela via escrita, aumentando a abrangência e eficiência das informações.

A renda média da população é de um salário mínimo, variando de menos de um a um pouco mais de dois salários, contudo a grande maioria depende de sua aposentadoria ou de programas do Governo Federal. Sendo as principais atividades econômicas a agricultura familiar, a criação de rebanhos e a fabricação de carvão para auto-consumo e comercialização.

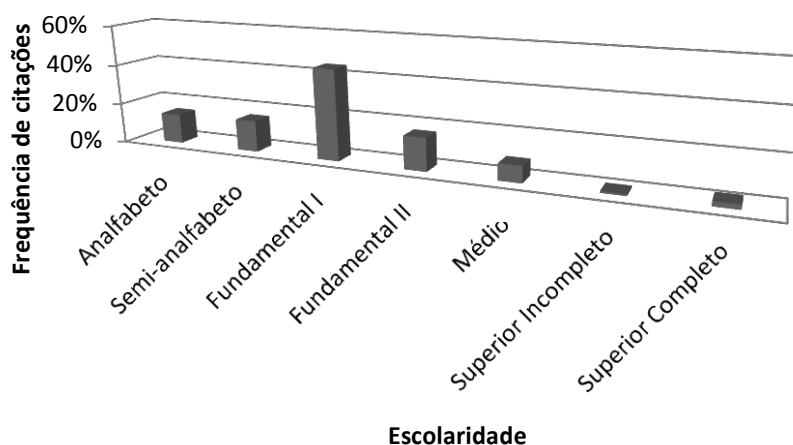


Figura 2. Distribuição dos informantes por nível escolar em São João do Tigre – PB.

Em relação à habitação, dos 130 entrevistados apenas 12 (9,23%) não moravam em casa própria, estas que eram emprestadas, alugadas ou em assentamento. A cidade é abastecida por um açude, que apresenta uma água salgada, sendo utilizada apenas para uso doméstico, agricultura e para os animais. Algumas pessoas adquirem também água de um poço próximo, contudo, estas precisam pagar uma pequena taxa para o caminhão pipa pegar essa água, para que leve até a cidade. Muitos dos moradores, principalmente os da zona rural tem cisternas em suas residências, o que facilita à captação de água nos períodos chuvosos para que possam utilizar nos períodos de seca.

Em relação ao saneamento básico, as casas que se apresentam na zona urbana e no distrito de Santa Maria apresentam fosse séptica (52,31), e aquelas que se apresentam nos locais periféricos há ausência de fossa séptica (47,69%), onde alguns criaram as suas próprias fossas em seus quintais. Assim como o saneamento, o lixo só é coletado (61,54%) nas proximidades da zona urbana e em alguns locais do distrito de Santa Maria, as residências nos locais periféricos não possuem coleta, fazendo que para que não ocorra o acúmulo do lixo os habitantes o queimam (30%), contudo alguns (8,46%) deixam exposto.

Dentre os informantes 61(46,92%) apresentam cultura temporária, sendo esta de melancia, jerimum, feijão, milho, capim, palma, algaroba, estas ultimas que possivelmente servem para o forrageamento dos animais.

A agricultura de subsistência não é o único meio de sobrevivência na região, em que alguns dos informantes 45 (34,62%) possuem rebanho de bovinos, caprinos, ovinos e avicultura, tanto para subsistência familiar, quanto para a comercialização.

As doenças mais comuns que acometem os habitantes são gripe, diarreia, diabetes, bronquite, pressão alta, entre outras. Visto que, para algumas destas, esses habitantes conseguem obter melhora apenas ao tomar remédio medicinal (Figura 3). Contudo, os entrevistados também utilizam remédios de farmácia, após o médico receitar, a análise do sistema de saúde do município é razoável, visto que só têm médicos para consultar toda a população duas vezes na semana, não atendendo casos mais graves, estes que vão ter que se locomover até Campina Grande ou até mesmo Pernambuco.

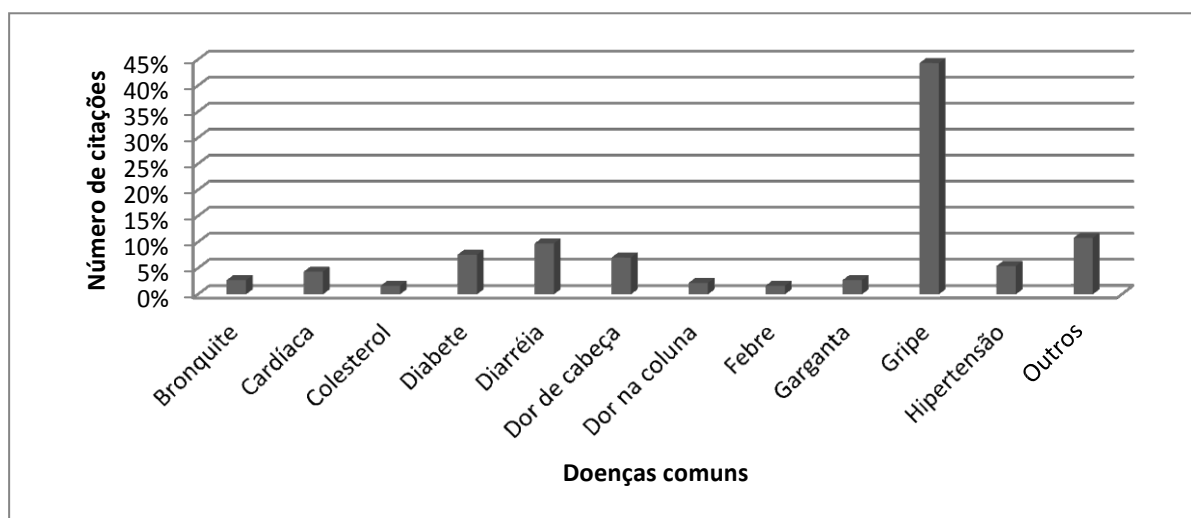


Figura 3. Doenças comuns na população em São João do Tigre – PB.

Dados botânicos e ecológicos das plantas

Em 130 entrevistas foram obtidas 933 citações relativas a 96 espécies distribuídas em 44 famílias (Tabela 1). Destas 94 espécies foram citadas para fins medicinais e 4 apenas para outros fins, visto que, das 94 medicinais 16 também foram citadas para as outras finalidades.

Tabela 1. Espécies de plantas identificadas dentre as citadas, com os seus respectivos usos pelos entrevistados no Município de São João do Tigre – PB. Convenções: NUC= número de usos citados para cada espécie, A (medicinal), B (carvão), C (lenha), D (forragem), E (alimentícia). NC=número de citações. (*) Nativa.

Família	Nome Científico	Nome Vulgar	NUC	NC
Acanthaceae	<i>Blechnum semperflorum</i> L.	Folha de fígado	A	3
	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	A	14
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze.	Penicilina	A	1
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	A	34
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo	A	19
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão *	Aroeira	A ; B	38
	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.*	Baraúna	B ; C	4
	<i>Spondias tuberosa</i> Arr. Cam. *	Umbuzeiro	A	2
Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	A ; E	2
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva doce	A	27
Apocynaceae	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart*	Pereiro	A ; C	2
Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	Dipirona	A	3
	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	A	6
	<i>Egletes viscosa</i> Less. *	Macela	A	1
	<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	A	1
	<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	A	9
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore *	Craibeira	A	1
			A	
	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê roxo	A	1
	<i>Tabebuia capitata</i> (Bureau & K. Schum.) Sandwith	Pau d'arco	A	1
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	A	2
	<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	Mussambê	A	4
	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião	A	2
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merril	Abacaxi	A	1
	<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez.*	Caroá	A	1
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC. *	Mandacaru	A	7
	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.*	Coroa-de-frade	A	5
	<i>Tacinga palmadora</i> Britton & Rose *	Palmatória	A	8
Caprifoliaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	A	9
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	A ; E	7
Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Cravo branco	A	1
Celastraceae	<i>Maytenus rigida</i> Mart. *	Bom-nome	A	13
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i> Linn	Castanhola	A	2
Convolvulaceae	<i>Operculina hAMILTONII</i> (G. Don) D.F. Austin *	Batata de purga	A	13
Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Saião	A	3
Cucurbitaceae	<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.	Melancia	A	2
	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Cabacinha	A	1
Euphorbiaceae	<i>Cnidoscolus quercifolius</i> Pohl. *	Favela	A; C; D	8
	<i>Macrosyphonia velame</i> (St. Hil.) Muell.Arg.*	Velame branco	A	1
	<i>Croton rhamnifolioides</i> Pax & K. Hoffm. *	Caatinga branca	A; B; C	6
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.*	Pião roxo	A	1
	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	A	5
Fabaceae	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg. *	Angico	A; B; C	35
	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul *	Angico-de-caroço	A	2
	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm. *	Cumarú	A; B; C	31
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.*	Mororó	A; B; C	79
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. *	Jucá	A	3
	<i>Erythrina velutina</i> Willd. *	Mulungu	A	1
	<i>Hymenaea courbaril</i> L. *	Jatobá	A	11
	<i>Machaerium hirtum</i> (Vell.) Stellfeld	Chifre de bode	A	10

	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir. *	Jurema preta	A; B; C; D	12
	<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) L. P. Queiroz *	Catingueira	A; B; C; D	76
	<i>Prosopis juliflora</i> DC.	Algaroba	B; C	34
	<i>Senna spectabilis</i> var. <i>excelsa</i> (Schrad.) H.S. Irwin & Barneby *	Canafístula	B	1
Lamiaceae	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Alfazema brava	A	3
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	A	1
	<i>Lamium album</i> L.	Urtiga Branca	A	5
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Erva de vaqueiro	A	2
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	A; E	8
	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã	A	88
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	A; B	36
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	A	4
	<i>Ocotea gomerata</i> (Ness.) Mez.	Louro	A	3
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	A	1
	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola branca	A	2
	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	A	8
Malvaceae	<i>Urena lobata</i> L.	Malva rosa	A	1
	<i>Pseudobombax marginatum</i> Mart. *	Embiratanha	A	7
	<i>Sida galheirensis</i> Ulbr.	Malva	A	2
Meliaceae	<i>Cedrela odorata</i> L.	Cedro	A	1
Monimiaceae	<i>Peumus boldus</i> Mol.	Boldo	A	25
Moracaceae	<i>Brosimum acutifolium</i> (Huber) Ducke	Mercúrio	A	1
Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana	A	1
Myrtaceae	<i>Eucalypto globulus</i> Labil.	Eucalypto	A	18
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	A; E	6
	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merril. & Perry	Cravo	A	1
Nyctaginaceae	<i>Boerhavia paniculata</i> Rich	Pega pinto	A	3
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	A	20
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	A	69
	<i>Digitaria bicornis</i> (Lam.) Roem. & Schult.	Mão de sapo	A	3
	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	A	1
Poligonaceae	<i>Coccoloba cordifolia</i> Meissn.	Cauaçu	A	3
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	A	16
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart. *	Juazeiro	A	7
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	A	1
	<i>Psychotria ipecacuanha</i> (Brot.) Stokes	Papaconha	A	4
Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Laranja	A	4
	<i>Citrus limonum</i> Risso	Limão	A; E	4
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	A	23
Sapotaceae	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D. Penn. subsp. <i>obtusifolium</i> *	Quixabeira	A	50
Solanaceae	<i>Solanum agrarium</i> Sendth.	Gogóia	A	7
	<i>Solanum rhytidoandrum</i> Sendth.	Jurubeba	A	1
Velloziaceae	<i>Vellozia squamata</i> Pohl	Canela de ema	A	1
Verbanaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva cireira	A	75
Vitaceae	<i>Cissus sycioides</i> L.	Insulina	A	1
Zingiberaceae	<i>Alpinia speciosa</i> Shum.	Colônia	A	20
	<i>Zingiber officinalis</i> Rosc.	Gengibre	A	1

Dentre as famílias botânicas, as que tiveram mais espécies citadas foram Fabaceae compreendendo 12 espécies, Asteraceae com 6 espécies, Euphorbiaceae com 6 espécies, Lamiaceae com 6 espécies e Anacardiaceae com 5 espécies. As famílias Fabaceae, Lamiaceae e Asteraceae se apresentaram importantes na pesquisa em relação ao número total de citações. Coelho – Ferreira (2000) mostra a importância que

assumem essas famílias à nível nacional como fornecedoras de recursos terapêuticos valiosos na medicina tradicional.

Assim, pode-se afirmar que as espécies citadas mais vezes apresentam o conhecimento de seus usos mais disseminado entre os entrevistados, principalmente no que diz respeito às suas características medicinais. O mesmo pode ser dito em relação às espécies com maior quantidade de usos diferentes citados, pois estas mostram uma maior versatilidade e, portanto, apresentam-se como preferenciais na comunidade.

As plantas são predominantemente cultivadas (36,46%), podendo ser encontradas também em casa de vizinhos (31,49%), na mata (21%), no centro de vivência (3,31%) este que está localizado no centro de São João do Tigre, no canteiro público este que se localiza no distrito de Santa Maria (4,43%) ou no supermercado (3,31%) no caso das plantas medicinais, demonstrando que a utilização está fortemente presente na cultura popular e que é transmitida de pais para filhos, sabendo da importância do recurso, cultivando-o e mantendo-o para as próximas gerações.

O índice de diversidade de Shannon-Wiener em São João do Tigre é de 4.671 e a equitabilidade é de 0.9597. Demonstrando que a área apresenta uma grande diversidade de espécies utilizadas pela comunidade e que o conhecimento sobre o uso terapêutico das plantas tem distribuição relativamente uniforme entre os indivíduos citados na amostra. A curva de acumulação do município de São João do Tigre mostra que o esforço amostral foi satisfatório (Figura 4), podendo observar com o símbolo de estrela que em algumas zonas o número de espécies começa a ascender rapidamente, correspondendo à localização do informante durante a realização das entrevistas (Molina, 2009).

Os informantes que mais contribuíram com citações de espécies, até então inéditas para a coleta dos dados, como esperado, foram os entrevistados no início da pesquisa, contudo apareceram novas espécies, mesmo que em pequenas quantidades, ao final do processo de amostragem.

Curva de acumulação

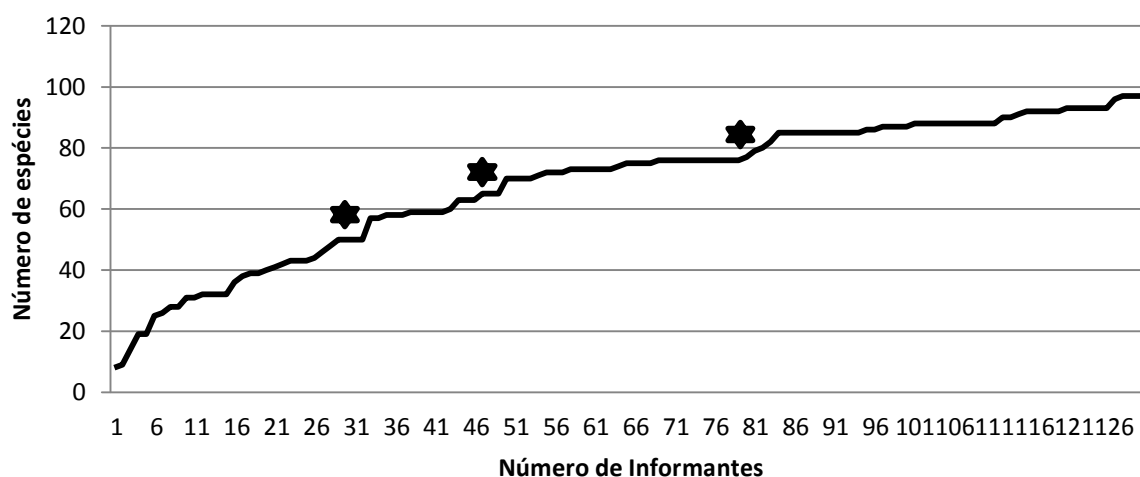


Figura 4. Curva de acumulação obtida em São João do Tigre (— = MF)

Os índices obtidos no município de São João do Tigre mostram-se relativamente altos, refletindo tanto a disponibilidade dos recursos vegetais, quanto à familiaridade da população com esses recursos.

Plantas utilizadas na medicina popular

O maior uso no município de São João do Tigre está referido à utilização das plantas medicinais, o uso medicinal foi relacionado a 92 espécies, correspondendo a 95,9% do total (Tabela 2). Dentre estas, 16 também foram indicados para outras finalidades. É possível observar que as plantas medicinais se sobressaem perante os demais recursos, corroborando com os trabalhos de Albuquerque & Andrade (2005), Silva & Andrade (2005) para outras áreas do Nordeste brasileiro, em que os recursos naturais constituem uma boa forma de obtenção de matéria prima para a fabricação de remédios caseiros.

Entre as plantas mais citadas como medicinais, destacaram-se a hortelã (*Plectranthus sp.*), mororó (*Bauhinia Cheilanta*), capim santo (*Cympogon citratus*). A maioria das espécies citadas cresce espontaneamente em ambientes naturais ou antropicamente modificados, as demais são cultivadas localmente e, o restante como o boldo (*Peumus boldus*) e a camomila (*Chamomilla recutita*), são adquiridos por compra.

Espécies nativas como a Mororó (*Bauhinia cheilantha*), quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium*) e aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) também se mostraram com um grande número de citações.

A comunidade de São João do Tigre utiliza os mais diversos órgãos vegetais nas preparações medicamentosas e levando em conta a relação parte utilizada/planta, obteve-se os seguintes resultados: folhas com 531 indicações (56,91%), casca (270-28,94%), flor (34 – 3,64%), raiz (30 – 3,22%), fruto (23 – 2,47%), semente (19 – 2,04%), entrecasca (13 – 1,39%) e outras partes (13 – 1,39%), como miolo, vagem, caule, leite e ramo jovem (Figura 5). O mesmo resultado foi obtido em trabalhos similares realizados em área de Caatinga como Albuquerque & Andrade (2002), Franco & Barros (2006) e Teixeira & Melo (2006).

Isso demonstra que as folhas e as cascas dos vegetais são as partes mais utilizadas em usos medicinais pelas comunidades tradicionais.

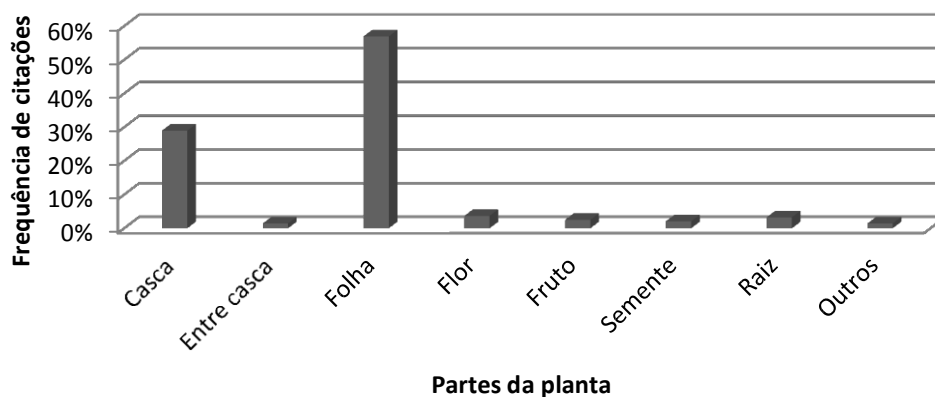


Figura 5. Parte das plantas utilizadas nas preparações das espécies medicinais no município de São João do Tigre – PB.

Tabela 2. Espécies de plantas medicinais utilizadas no município de São João do Tigre – PB.

Convenções: PU= Parte utilizada. C – casca; EC- entre casca; Fr- fruto; Fl- flor; Fo- folha; Rj- ramo jovem; M- miolo; V- vagem; L- leite; S- semente; R- raiz. FU= Forma de utilização. L- lambedor; C- chá; I- infusão; Cc- aplicar em cima; B- banho; M- maceração; S- suco; Ch- chupa. FL= nível de fidelidade.

Família	Espécie	Nome Vulgar	PU	FU	Indicação	FL(%)
Acanthaceae	<i>Blechnum semperflorum</i> L.	Folha de fígado	Fo, C	L, C	Tosse, rins	67
	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	Fo	C, I	Dor de cabeça, pressão alta	64
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze.	Penicilina	Fo	C	Ferimento	100
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Fo	C, L	Verme, gripe, estômago, ossos	41
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo	C, Fr, Fo, Ec	C, I	Inflamação, ferimentos	58
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira*	C, Fo	C, I	Inflamação, ferimento	50
	<i>Spondias tuberosa</i> Arr. Cam.	Umbuzeiro	C	I	Diabete	50
Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	C	C	Verme	100
Apiaceae	<i>Foeniculun vulgare</i> Mill.	Erva doce	Fo, S	C	Estômago, nervos, gripe	22
Apocynaceae	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	Fo	M	Dor de barriga	100
Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	Dipirona	Fo	C	Dor no corpo, febre, dor de cabeça	100
	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	Fo, Fl	C	Calmante	100
	<i>Egletes viscosa</i> Less.	Macela	Fo	C	Má digestão	100
	<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	V	C	Tontura	100
	<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	Fo, M	C	Dor de barriga, mal estar, fígado	44
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	Craibeira	C	C	Cansaço	100
	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê roxo	C	C	Câncer	100
	<i>Tabebuia capitata</i> (Bureau & K. Schum.) Sandwith	Pau d'arco	C	C	Inflamação	100
Brassicaceae	<i>Brassica oleraceae</i> L.	Couve	Fo	S	Dor nos ossos, gastrite	50
	<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	Mussambê	Fl, Fo	C, L	Tosse	100
	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião	Fo	C, L	Tosse	100
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merril	Abacaxi	Fr	L	Tosse, colesterol, dor de barriga	100
	<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez.	Caroá	R	C	Ureta	100
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Mandacaru	C, R, M, Fo	C, I	Rins, dor na coluna, uretra	57
	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Coroa-de-frade	Fo	C, L, I	Tosse, ureta, verme	40
Caprifoliaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	Fl	C	Gripe, febre, pressão alta	44

Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Fo, Fr, Fl	C, L	Estômago, tosse, mal estar	25
Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Cravo branco	Fo	C	Tontura	100
Celastraceae	<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Bom-nome	C	C, I, L	Rins, estômago, inflamação	46
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i> Linn	Castanhola	Fo	C	Rins, hemorragia	50
Convolvulaceae	<i>Operculina hamiltonii</i> (G. Don) D.F. Austin	Batata de purge	R, Fr, C	M,C, L, I	Coceira, verme, ferimento,	38
Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Saião	Fo, C	S, I	Gastrite, estômago, inflamação	33
Cucurbitaceae	<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.	Melancia	S	C	Febre	100
	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Cabacinha	Fr	Cc	Sinusite	100
Euphorbiaceae	<i>Cnidoscolus quercifolius</i> Pohl.	Favela	C, EC, Fo	Cc	Ferimento, diabetes	83
	<i>Macrosyphonia velame</i> (St. Hil.) Muell.Arg.	Velame branco	Fo	C	Ferimento	100
	<i>Croton rhamnifolioides</i> Pax & K. Hoffm.	Caatinga branca	C	Ch	Dor de barriga	100
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pião roxo	L	Cc	Ferimento	100
	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	Fo, R	C, I	Rins, ureta	80
Fabaceae	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg.	Angico	Fl, Fo, C, R	L, C, I	Dor de cabeça, inflamação, cicatrizante	43
	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	Angico-de-carçoço	C, S, EC, Fo	L	Catarro, tosse	50
	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Cumarú	C, S, EC	C, L, I	Dor no corpo, tosse, inflamação,	44
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Mororó	C, EC, Fo	C, L, I	Tosse, colesterol, bronquite, diabetes	34
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá	Fo, C, V, S, Fl	L, I, C	Tosse, inflamação	67
	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	FL, C, Fo	L	Nervos	100
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	EC	L, C	Anemia, tosse, inflamação, gripe, fraqueza	27
	<i>Machaerium hirtum</i> (Vell.) Stellfeld	Chifre de bode	Fr	C, L	Câncer, inflamação, dor na coluna, próstata	40
	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema preta	C	C	Infecção	100
	<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) L. P. Queiroz	Catingueira	F, Fl, C	C, L, Chu	Tosse, febre, gripe, inflamação	36
Lamiaceae	<i>Hyptis suaveolens</i> Poit.	Alfazema brava	Fo	C, I	Inflamação, ferimento	67
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Fo	C	Tosse	100
	<i>Lamium album</i> L.	Urtiga branca	R	I,C	Ureta, afinar o sangue, rins	60
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Erva de vaqueiro	R, Fo	C, I	Dor na coluna, gripe	50
	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Manjerição	Fo	C, B, Cc	Dor de ouvido, dor no corpo, olhado	57
	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã	Fo	L, C, S	Gripe, tosse, AVC, enxaqueca, hipertensão	29
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Fo	C	Dor de dente, dor de cabeça, tontura, AVC	34
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	C	C	Dor de barriga, fraqueza, mal estar	25
	<i>Ocotea gomerata</i> (Ness.) Mez.	Louro	Fo	C	Estômago, dor de barriga, calmante	33
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Fr	C	Pressão alta	100
	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola branca	Fr	L	Gripe, tosse	50
	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	Fo, C	C, L, I, Cc	Verme, tosse, gastrite, ferimento, queda de cabelo	25
Malvaceae	<i>Urena lobata</i> L.	Malva rosa	Fo	C	Febre	100
	<i>Pseudobombax marginatum</i> Mart.	Embiratanha	C, EC	C, L, I	Dor na coluna, rins, próstata, tosse	57
	<i>Sida galheirensis</i> Ulbr.	Malva	Fo	C, L	Gripe	100
Meliaceae	<i>Cedrela odorata</i> L.	Cedro	EC	C	Verme	100

Monimiaceae	<i>Peumus boldus</i> Mol.	Boldo	Fo	C, L	Dor de barriga, estômago, cólica, fígado	68
Moraceae	<i>Brosimum acutifolium</i> (Huber) Ducke	Mercúrio	Fo	C	Ferimento	100
Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana	Fr	L	Gastrite	100
Myrtaceae	<i>Eucalypto globulus</i> Labil.	Eucalypto	Fo, S	C	Febre, gripe, sinusite, depressão	61
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Fo, C, Fl, Rj	C	Colesterol, dor de barriga	75
	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merril. & Perry	Cravo	S	C	Tontura, dor de cabeça	100
Nyctaginaceae	<i>Boerthavia paniculata</i> Rich	Pega pinto	R, Fo	C	Ureta, rins	66
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	C	C, I, Cc	Queimadura, inflamação, cicatrização	50
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	Fo	C	Calmanete, febre, hipertensão,	36
	<i>Digitaria bicornis</i> (Lam.) Roem. & Schult.	Mão de sapo	Fo	C	Ureta, tosse	67
	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	Fo	C	Hipertensão, calmante, mal estar	100
Polygonaceae	<i>Coccoloba cordifolia</i> Meissn.	Cauaçu	C	L, I, C	Inflamação, rins, próstata	33
	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	C, Fr, S, EC	C, M, I, L	Garganta, hemorragia, tosse	62
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	C, Fo	C, L	Tosse, gripe, asma, ossos	42
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	C	I	Dor no corpo	100
Rutaceae	<i>Citrus sp.</i>	Laranja	Fo, C	C	Calmanete, circulação	75
	<i>Citrus limonum</i> Risso	Limão	Fr, C	I, L, C	Tosse, garganta	67
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Fo	C, I, Cc	Dor no ouvido, dor de cabeça	30
Sapotaceae	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D. Penn. subsp. <i>obtusifolium</i>	Quixabeira	C, EC	I, L, C	Inflamação, cicatrizante	70
Solanaceae	<i>Solanum agrarium</i> Sendth.	Gogóia	R	C	Ureta, anemia	71
	<i>Solanum rhytidoandrum</i> Sendtn.	Jurubeba	Fo	C	Mal estar	100
Velloziaceae	<i>Vellozia squamata</i> Pohl	Canela de ema	Fo	C	Mordida de animal	100
Verbanaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva cireira	Fo, C	C	Dor de barriga, febre, estômago	40
Vitaceae	<i>Cissus sp.</i>	Insulina	Fo	C	Diabetes	100
Zingiberaceae	<i>Alpinia speciosa</i> Shum.	Colônia	Fl, C, Fo	C, L, I	Coração, tosse, câncer, dor de barriga, gripe	30
	<i>Zingiber officinalis</i> Rosc.	Gengibre	R	M	Garganta, dor no corpo	100

De acordo com a concepção local e, muitas vezes, pessoal do que é doença, os entrevistados mostraram conhecer uma variedade de formas de preparação de remédios, em que administram no tratamento e prevenção dos mais variados males (Tabela 2). Sendo essas técnicas compostas por chás, banhos, infusões, compressas, macerações, sucos, lambedores, in natura e outras.

Das 933 prescrições citadas nas entrevistas, 869 (93,14%) são de uso interno, 64 (6,86%) de uso externo. A única forma de utilização internamente foi os banhos para doenças da pele e tecidos sub-cutâneo.

As doenças associadas ao sistema nervoso foram as mais citadas dentre os entrevistados, dando destaque ao calmante e a dor de cabeça, esta que foi a mais citada na categoria. Doenças da pele e tecidos subcutâneo, doenças do sistema respiratório e doenças relacionadas com o digestivo como dor de barriga foram também citadas com ênfase (Tabela 3).

Tabela 3. Consenso dos informantes do município de São João do Tigre –PB, para uso de plantas medicinais.

Convenções: FCI= fator de consenso do informante.

Categorias	Nº de espécies de plantas	Nº de usos reportados	FCI	Doença mais citada na categoria
Doenças do sistema nervoso	18	122	0,85	Dor de cabeça
Doenças da pele e tecidos sub-cutâneo	22	120	0,82	Inflamação
Doenças do aparelho respiratório	37	202	0,82	Tosse
Doenças do aparelho digestivo	26	127	0,80	Dor de barriga
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	18	72	0,76	Diabete
Doenças do ouvido e da apófise mastóide	3	9	0,75	Dor de ouvido
Doenças infecciosas e parasitárias	26	77	0,67	Verme
Doenças do aparelho circulatório	21	60	0,66	Pressão alta
Doenças do sistema Orteomuscular e do tecido conjuntivo	22	53	0,59	Dor no corpo
Doenças do aparelho genitourinário	17	41	0,6	Rins
Lesões envenenamentosas e outras consequências de causa externa	13	30	0,58	Ferimento
Transtornos mentais e comportamentais	6	12	0,5	Depressão
Doenças Culturais	1	1	0	Olhado
Doenças do sangue e dos órgãos homeopáticos	3	3	0	Anemia
Neoplasias	4	4	0	Câncer

Em relação a como foram adquiridos os saberes sobre as plantas medicinais e seus usos, a maioria dos entrevistados concordaram que aprenderam com os mais idosos

(80%), seguido de vizinhos (17,3%) e em meios de comunicação (2,7%). De acordo com Dorigone et al. (2001), a eficácia das plantas medicinais no tratamento de diversas doenças e o conhecimento sobre o uso e preparo, transmitida de geração em geração de forma empírica, contribui para a grande utilização por populações tradicionais.

Quanto à efetividade terapêutica das plantas documentadas, muitas já possuem informações farmacológicas que podem justificar o seu uso popular como: *A. cearensis*, *A. occidentale*, *Lippia ssp.*, *M. urundeuva*, *Ocimum spp.*, *C. citratus*, *S. paniculatum* e *Z. joazeiro* (Sousa et al. 1991; Matos 1998; Albuquerque & Andrade, 1998). Demonstrando que essas espécies nativas apresentam uma grande abrangência no bioma Caatinga e que, são de suma para a utilização das comunidades tradicionais.

Plantas Alimentícias

Foram incluídas nesta categoria 5 espécies, representando 5,15% das plantas registradas, sendo elas a *Annona sp.* (pinha), *Carica papaya* (mamão), *Citrus X limon* (limão), *Ocimum campechianum* (manjerição) e *Psidium guajava* (goiaba). Onde, a parte consumida nos é o fruto em estado natural ou em forma de doces.

Destaca-se que no município de São João do Tigre essas espécies são consumidas em pequenas quantidades, não apresentando, portanto, significância expressiva como complemento alimentar dos entrevistados. Por possuir água disponível no açude local, os habitantes sobrevivem da cultura de subsistência, com cultivo nas vazantes de milho, jerimum, feijão, sendo esses os produtos essenciais da base alimentar.

Plantas fornecedoras de Madeira

As espécies registradas nessa categoria correspondem a 10,30% do total, sendo elas a *Prosopis juliflora* (algaroba), a *Poincianella pyramidalis* (catingueira), *Bauhinia cheilantha* (mororó), *Mimosa tenuiflora* (jurema preta), *Schinopsis brasiliensis* (baraúna), *Myracrodunon urundeuva* (aroeira), *Anadenanthera peregrina* (angico), *Senna spectabilis*

(*canafístula*), *Rosmarinus officinalis* (alecrim) e *Croton rhamnifolioides* (caatinga branca), em que no município há um aproveitamento a madeira de algumas espécies para os mais diversos usos, podendo ser utilizada na fabricação de cercas de arame e de faxina, portas, janelas, entre outros.

É importante destacar que as espécies ocorrentes da Caatinga têm um alto potencial lenhoso e que segundo Maia (2004), das 1.356 plantas lenhosas catalogadas para o bioma Caatinga, 600 espécies são lenhosas e poderiam ser mais bem aproveitadas pela população que vive nessa região.

Também é possível verificar na comunidade uma falta de manejo para as espécies que fornecem madeira, ou seja, o não corte das árvores jovens e fornecedoras de sementes, o respeito necessário para que a vegetação possa se restabelecer e o replantio dessas espécies, com a falta desse manejo há uma baixa na abundância dessas espécies, dificultando a sua localização, fazendo com que as pessoas se desloquem a grandes distancias para encontrá-las.

Plantas Forrageiras

As espécies citadas como forrageira representaram 6,18%, a *Opuntia palmadora* (palma), *Prosopis juliflora* (algaroba), a *Poincianella pyramidalis* (catingueira), *Mimosa tenuiflora* (jurema preta), *Cnidoscolus quercifolius* (favela), *Sida galheirensis* (malva), estas que servem para de forragem para o rebanho bovino e caprino, estando diretamente ligada ao período de longa estiagem. Em que nesses períodos para reforçar a alimentação dos animais, torna-se a forma de sustento para os rebanhos na seca. E de acordo com Braga (2001), está é uma prática bastante comum na região nordeste.

Plantas Usadas como Combustível

Representada por 10 espécies, ou seja, 10,30% do total das espécies reportadas, têm-se como plantas mais usadas para este uso a algaroba (*Prosopis juliflora*), a catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), a jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*), a baraúna

(*Schinopsis brasiliensis*), o mororó (*Bauhinia cheilantha*), *Anadenanthera peregrina* (angico), *Cnidoscolus quercifolius* (favela), *Croton rhamnifolioides* (caatinga branca), *Amburana cearenses* (cumarú) e *Aspidosperma pyrifolium* (pereiro) .

Foi possível observar em São João do Tigre as carvoeiras, mostrando que o carvão utilizado pelos habitantes é fabricado no próprio município, se tornando umas das maiores formas de renda do município.

Através dos dados obtidos, pode-se observar o perfil dos mais variados usos atribuídos à vegetação do município de São João do Tigre, este que apresentou um elevado número de espécies por unidade de esforço amostral, um dos fatores que influencia o conhecimento e uso das plantas medicinais é a disponibilidade das espécies a serem utilizadas. A diversidade de espécies está congruente com a riqueza florística dos ambientes ocupados pelas populações estudadas, como demonstrado por Barbosa et al. (2007) em que o cariri Paraibano se apresenta com 396 espécies, distribuídas em 90 famílias botânicas, sendo 85 famílias de angiospermas.

A forma de uso com maior número de indicações foi o medicinal, tendo as folhas e cascas como as partes mais consumidas. Mostrando que a comunidade conhece o meio em que está inserida e tenta de certa forma protegê-lo, conservando as plantas utilizadas.

Com o passar do tempo essa cultura vem se perdendo e os moradores se demonstram preocupados, sendo os danos causados por essa perda cultural irreversível, dificultando a tentativa de sustentabilidade da região, sendo necessário um trabalho que resgate sustentavelmente todos os usos atribuídos aos vegetais do município.

Avaliando os dados pode-se também fundamentar iniciativas para um plano de manejo, que se torne possível à recuperação e a conservação do município de São João do Tigre, ampliando, assim, as perspectivas das gerações futuras de usufruírem destes recursos.

REFERÊNCIAS

- AGRA, M.F. **Plantas da medicina popular dos Cariris Velhos, Paraíba, Brasil**. João Pessoa, Editora União, 1996. 125 p.
- ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobotânica: Uma aproximação teórica e epistemológica**. Revista Brasileira de Farmácia – vol.78, p. 60-64, 1997.
- ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. **Etnobotânica del género Ocimum L. (Lamiaceae) em las comunidades afrobrasileñas**. Anales del Jardim Botânico de Madrid, vol. 56, p. 107 – 118, 1998.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. 2.ed. Recife: Interciência, 2005. 80p.
- ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. **Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil)**. Interciência, v.27, n.7, p.336-346, 2002b.
- ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. **Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil**. Acta Botanica Brasilica, vol.16, n.3, p. 273-285, 2005.
- ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. **Métodos e Técnicas para coleta de dados etnobotânicos**. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica. Recife: NUPEEA, p.41- 72, 2004.
- AMOROZO, M.C.M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: Di Stasi LC. (Ed.) Plantas medicinais: arte e ciência. UNESP. São Paulo, 1996. p. 47-58.
- AMOROZO, M.C.M. **Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil**. Acta Botanica Brasilica, vol.16, n.2, p. 189-203, 2002.
- BARBOSA, M.R.V.; LIMA, J.R.; CUNHA, J.P.; AGRA, M.F.; THOMAS, W.W.; **Vegetação e flora do cariri paraibano**. Ol. Bras., v.11, n.3, p.313-322. 2007.

- BEGOSSI, A. Use for ecological methods in ethnobotany: diversity indices. **Economic Botany**. London, v.50, n.3, p.280-289, 1996.
- BRAGA, R. **Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará**. 5.ed. Ceará: Fundação Guimarães Duque, 2001. 540 p.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo Demográfico**, 2010.
- BRUNELLI, G. 1987. **Des esprits aux microbes – santé et société en transformation chez les Zoró de l'Amazonie brésilienne**. Tese de Mestrado, Département d'Anthropologie, Faculté des Arts et des Sciences, Université de Montréal, 471 p.
- CARVALHO, F.A.F. & CARVALHO, M.G.F. **Atlas Geográfico do Estado da Paraíba: Vegetação**. In: C.A.G. Egler, E.C.P. Dália & N. Gedanken,(orgs.), Grafset, João Pessoa, 1985, p.34 – 43.
- CASTELLETTI, C. H. M.; SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M.; SANTOS, A. M. M. **Quanto ainda resta da Caatinga? Uma estimativa preliminar**. In J. M. C. Silva, M. Tabarelli, M. Fonseca e L. Lins, editores. Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2004. p. 91–100.
- COELHO-FERREIRA, M. R. **Identificação e valorização das plantas medicinais de uma comunidade pesqueira do litoral paraense (Amazônia brasileira)**. 2000. 259 p. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas)-UFPA/MPEG. Universidade Federal do Pará/Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- COTTON, C.M **Ethnobotany: principles and applications**. British Library, 1996. 424p.
- DORIGONE, P.A.; GHEDINI, P.C.; FRÓES, L.F.; BAPTISTA, K.C.; ETHUR, A.B.M.; BALDISSEROTTO, B.; BURGUER, M.E.; ALMEIDA, C.E.; LOPES, A.M.V. & ZÁCHIA, R.A. **Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS - Relação entre enfermidades e espécies utilizadas**. Revista Brasileira de Plantas Medicinais vol. 4, n 1. p. 69-80, 2001.

FRANCO, E.A.P.; BARROS, R.F.M. **Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí.** Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v.8, n.3, p.78-88, 2006.

FRIEDMAN, J.; YANIV, Z.; DAFNI, A. PALEWITCH, D. **A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among Bedouins in the Negev Desert, Israel.** Journal of Ethnopharmacological. vol. 16. p. 275 – 287. 1986.

JANZEN DH. **Florestas tropicais secas: o mais ameaçado dos ecossistemas tropicais.** In: Wilson EO(Ed.) Biodiversidade. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. p. 166-176, 1997.

MAIA, G.N. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades.** São Paulo, D & Z Computação Gráfica e Editora, 2004. 415 p.

MATOS, J.F.A. **Fármacias vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades.** 3.ed. Fortaleza: UFC, 1988. 179 p.

MING, L.C.; AMARAL JUNIOR, A. **Aspectos etnobotânicos de plantas medicinais na Reserva Extrativista “Chico Mendes”.** 1995. 180 p. Tese(Doutorado em botânica) – Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, UNESP, Botucatu.

MOLINA, S.A. **Etnobotânica farmacêutica em Navarra: del uso tradicional de las plantas medicinales a su evidencia científica.** 2009. 833 p. Tese (Doutorado em Botânica) – Departamento de Biología Vegetal, Universidad de Navarra, Espanha.

MOREIRA, E.R.F. **Mesorregiões e Microrregiões da Paraíba, delimitação e caracterização.** GAPLAN, João Pessoa, 1988. 74 p.

Organização Mundial da Saúde, 2000. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.** 10a revisão, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Vol. 1, 1191 p.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A.H. **The useful plants of Tambopata, Peru: I Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique.** Economic Botany. vol. 47. p. 15 – 32, 1993a.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A.H. **The useful plants of Tambopata, Peru: II Additional hypotheses testing in quantitative ethnobotany.** Economic Botany. vol. 47. p. 33 – 43, 1993b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO TIGRE. **Secretaria de Turismo**, 2010.

ROQUE, A.A. **Potencial de uso dos recursos vegetais em uma comunidade rural do semi-árido do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil.** 2009, 79 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

SILVA, A. J. da R.; ANDRADE, L. de H. C. **Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil.** Acta Botanica Brasilica. v.19, n.1, p. 45 - 60, 2005.

SOUSA, M.P.; MATOS, M.E.O.; MATOS, F.J.A.; MACHADO, M.I.L.; CRAVEIRO, A.A. **Constituintes químicos ativos de plantas medicinais brasileiras.** UFC. Fortaleza, 1991. 416 p.

TEIXEIRA, S.T.; MELO, J.I.M. **Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil.** Iheringia, ser. Bot, v.61, n.1-2, p. 5 – 11, 2006.

TROTTER, R.; LOGAN, M. **Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants.** Indigenous Medicine and diet: Biobehavioural approaches. Redgrave. Nova York. p. 91 – 112, 1986.

Anexos

Anexo 1: Questionário.



PROJETO CONSERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL DOS RECURSOS NATURAIS DA CAATINGA DA PARAÍBA – FUNDACIÓN BIODIVERSIDAD - FBIO.

Ficha de catalogação nº:

Nome do Entrevistado:

Idade:

Profissão:

Data:

1. Dados Sócio- Econômicos:

Escolaridade: ☐ | Semi-analfabeto: Apenas escreve o nome ☐ apenas lê ☐ lê e escreve com dificuldade ☐

Fundamental: ☐ Incompleto (_____) ☐ Completo

Médio: ☐ Incompleto (_____) ☐ Completo

Superior: ☐ Incompleto (_____) ☐ Completo

Renda:

Habitação: Própria ☐ Alugada ☐ Outra situação ☐

- Saneamento:

Água:

() Olho d'água () Riacho ou rio () Poço () Açude

() Lago

Esgoto:

() Ausência de Saneamento () Fossa Negra () Fossa Séptica

- Agropecuária:

Plantação de cultura temporária?

() Sim () Não. Quais?

Plantação de cultura permanente?

() Sim () Não. Quais?

Possui efetivos de rebanhos?

() Sim () Não. Quais?

- Assistência Médica:

Não possui ☐ Irregular ☐ Regular ☐ (Frequência:

Semanal/ Quinzenal/Mensal/Constante)

Quais as doenças mais comuns na família?

Cardíaca ☐ Diarréia ☐ Respiratória ☐ Gripe ☐ Bronquite ☐ Outros ☐

Faz uso de remédios de farmácia? () Sim () Não

Que tipo de ajuda procura quando algum parente adoece?

() PSF () Raizeiros () Benzedeiros () Usa remédios caseiros (

) Vizinhos () Automedicação () Outros

Análise do sistema médico: Péssimo ☐ Ruim ☐ Razoável ☐ Bom ☐ Excelente ☐

- Lixo:

Qual a destinação final dos resíduos sólidos consumidos pela família?

Queima ☐ Enterra ☐ Deixa Exposto ☐ Outros ☐

OBSERVAÇÕES:

2. Forma de utilização do recurso:

() Medicinal () Mística () Madeira () Combustível () Alimentícia

() Forragem () Usos domésticos

Nome popular da planta:

Sinônimos:

Nome Científico:

Família:

Hábito:

Parte usada:

Disponível o ano todo? ☐ Sim ☐ Não. Se sim em qual o período?

3. Dados para plantas medicinais e místicas:

1- Você faz uso de plantas medicinais?

☐ Sim ☐ Não

Por que? _____

2- Se afirmativo, quais?

Nome da Planta	Indicação	Parte da Planta	Forma de Preparação	Como Usa (Quantas vezes)	Local de obtenção	Efeito desejado	Efeito Indesejado

3- O uso de plantas é feito mediante:

☐ Prescrição médica ☐ Indicação de vizinhos

☐ Automedicação ☐ Indicação de raizeiros ☐ Outros

4- Com que frequência você faz uso de plantas?

☐ Diariamente ☐ Semanalmente ☐ Quando necessário ☐ Outros

5- Onde adquire as plantas que utiliza?

☐ Raizeiros ☐ Benzedeiros ☐ Vizinhos ☐ Familiares ☐ Supermercado
☐ Cultiva ☐ Outros

Se Cultiva, Onde?

☐ Canteiros ☐ Vasos ☐ Jardins ☐ Outros

6- Tem plantas medicinais guardadas em casa?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, Onde costuma guardá-las?

☐ Sacolas de papel ☐ Depósitos de alumínio ☐ Depósitos de plástico ☐ Frascos de vidro
☐ Outros

7- Como adquiriu o conhecimento sobre as plantas medicinais?

☐ Avós ☐ Pais ☐ Amigos ☐ Vizinhos ☐ Médicos

() Enfermeiros () Agente Comunitários () Pastoral da saúde
() Benzedeiras () Jornal () Revistas () Livros () Outros

8- Você consegue reconhecer as plantas que utiliza?

() Sim () Não

9- Você conhece alguma planta venenosa?

() Sim () Não

Se sim, Quais? _____

10- Alguém em sua casa passou mal usando chás ou outros remédios caseiros?

() Sim () Não

Se sim, qual a planta que utilizou? _____

Qual a forma de preparação? _____

O que sentiu?

() Vômito () Diarréia () Dor de cabeça () Coceira () Desmaio () Tontura () Náusea () vermelhidão na pele () Convulsão () Outros

11- Que época do ano é adequada para a sua retirada da caatinga? _____

12- Existe algum animal que pode ser utilizado como remédio? _____

13- Que outros tipos de recursos podem ser retirados do caatinga para ser utilizado como remédio? _____

FIM DO QUESTIONÁRIO

Anexo 2: Exemplos de flores e frutos de espécies inventariadas em um levantamento etnobotânico na APA das Onças, São João do Tigre - PB. Convenções: a- *Aloe vera*; b- *Jatropha gossypifolia*; c- *Peumus boldus*; d- *Ziziphus joazeiro*; e- *Anadenanthera colubrina*; f- *Plectranthus* sp.; g- *Rosmarinus officinalis*; h- *Lippia alba*; i- *Cleome spinosa*; j- *Poincianella pyramidalis*; k- *Melocactus zehntneri*; l- *Aspidosperma pyrifolium*.



Anexo 3: Caracterização do ambiente.

Convenções: a- Zona Urbana; b- Zona Rural.



Anexo 4. Glossário

Chás: podem ser preparados de diversos modos, dependendo da parte da planta a ser utilizado. São as preparações terapêuticas mais populares e são usados para quase todas as indicações de cura e prevenção das doenças, como por exemplo, tosses, gripes, diarreias, coração, calmante, vermes, pressão alta, colesterol, derrame, câncer, entre outras mais.

Infusão: é preparada por decocção ou infusão, submergindo as partes vegetais em água. É usada para fazer limpezas de ferimentos, lavagens vaginais, reumatismo, corrimento, lavar olhos inflamados, limpeza de queimaduras, entre outros. As infusões são usados externamente.

Banhos: são utilizados os chás, que podem ser frios ou mornos, podendo banhar-se a cabeça ou o corpo todo. É muito usado em: gripes, resfriados, caspa, bronquite, queda de cabelos, calmante, relaxamento, alergias e em problemas de ordem místicas, como mal-olhado.

In natura: quando a parte do vegetal é usada sem preparado nenhum. É aplicado diretamente na parte afetada, como o látex ou em algumas vezes poder ser ingerido, como no preparo de saladas e ingestão de frutos. É muito usado para: coceiras, fortificante, nutrição, picadas de insetos, anemia e outros.

Suco: é obtido extraindo o sumo dos frutos maduros e deve ser usado sem açúcar ou com mel de abelhas, utilizado como fortificante do organismo, anemia, gripe, fraqueza, asma, calmante, hipertensão, garganta inflamada, problemas do coração, tuberculose e outros.

Xarope: prepara-se a partir de chá ou maceração (em água), em que às vezes se misturam mais de uma espécie, se acrescenta mel na proporção de uma parte para duas do extrato, são indicados para garganta inflamada, tosse com catarro, gripe, febre, tuberculose, bronquite, resfriados e outros.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

A **Revista Brasileira de Plantas Medicinais - RBPM** é publicação trimestral e destina-se à divulgação de trabalhos científicos originais, revisões bibliográficas e notas prévias, que deverão ser inéditos e contemplar as grandes áreas relativas ao estudo de plantas medicinais. Manuscritos que envolvam ensaios clínicos deverão vir acompanhados de autorização de Comissão de Ética constituída, para realização dos experimentos. Os artigos podem ser redigidos em português, inglês ou espanhol, sendo sempre obrigatória a apresentação do resumo em português e em inglês, independente do idioma utilizado. Os artigos devem ser enviados por e-mail rbpm@ibb.unesp.br, com letra Arial 12, espaço duplo, margens de 2 cm, em Word for Windows. Os artigos devem ter no máximo 20 páginas. Artigos com fotografias e gráficos coloridos podem ser publicados, a critério do Corpo Editorial, se o autor se comprometer, mediante entendimentos prévios, a cobrir parte das despesas de publicação. No e-mail, enviar telefone para contatos mais urgentes.

REVISÕES E NOTAS PRÉVIAS

Revisões e Notas prévias deverão ser organizadas basicamente em Título, Autores, Resumo, Palavras-chave, Abstract, Key words, Texto, Agradecimento (se houver) e Referência.

ARTIGO CIENTÍFICO

Os artigos deverão ser organizados em:

TÍTULO: Deverá ser claro e conciso, escrito apenas com a letra inicial maiúscula, negrito, centralizado, na parte superior da página. Se houver subtítulo, deverá ser em seguida ao título, em minúscula, podendo ser precedido de um número de ordem em algarismo romano. Os nomes comuns das plantas medicinais devem ser seguidos pelo nome científico entre parênteses, verificado em www.tropicos.org e www.ipni.org.

AUTORES: Começar pelo último sobrenome dos autores por extenso (nomes intermediários somente iniciais, sem espaço entre elas, separadas com vírgulas) em letras maiúsculas, negrito e 2 linhas abaixo do título. Após o nome de cada autor deverá ser colocado um número sobrescrito que corresponderá a instituição e endereço (Rua, CEP: cidade-país). Indicar o autor (*) que deverá receber a correspondência, com e-mail. Os autores devem ser separados com ponto e vírgula.

RESUMO: Deverá constar da mesma página onde estão o título e os autores, duas linhas abaixo dos autores. O resumo deverá ser escrito em único parágrafo, contendo objetivo, resumo do material e método, principais resultados, conclusão e sem citação bibliográfica.

Palavras-chave: Deverão ser colocadas uma linha abaixo do resumo, na margem esquerda, podendo constar até cinco palavras, separadas com vírgula.

ABSTRACT: Apresentar o título e resumo em inglês, no mesmo formato do redigido em português (parágrafo único), com exceção do título, em negrito, apenas com a inicial em maiúscula, que virá após a palavra

ABSTRACT.

Key words: Colocar abaixo do abstract as palavras-chave em inglês, podendo constar até cinco palavras, separadas com vírgula.

INTRODUÇÃO: Deverá constar breve revisão de literatura e os objetivos do trabalho. As citações de autores no texto deverão ser feitas de acordo com os seguintes exemplos: Silva (1996); Pereira & Antunes (1985); (Souza & Silva, 1986) ou quando houver mais de dois autores Santos et al. (1996).

MATERIAL E MÉTODO: Deverá ser feita apresentação completa das técnicas originais empregadas ou com referências de trabalhos anteriores que as descrevam. As análises estatísticas deverão ser igualmente referenciadas. Na metodologia deverão constar os seguintes dados da espécie estudada: nome científico com autor; nome do herbário onde a excisata está depositada e o respectivo número (*Voucher Number*).

RESULTADO E DISCUSSÃO: Poderão ser apresentados separados ou como um só capítulo, podendo conter no final conclusão sumariada.

AGRADECIMENTO: Deverá ser colocado neste capítulo (quando houver).

REFERÊNCIA: As referências devem seguir os exemplos:

Periódicos:

AUTOR(ES) separados por ponto e vírgula, sem espaço entre as iniciais. Título do artigo. **Nome da Revista, por extenso**, volume, número, página inicial-página final, ano.

KAWAGISHI, H. et al. Fractionation and antitumor activity of the water-insoluble residue of *Agaricus blazei* fruiting bodies. **Carbohydrate Research**, v.186, n.2, p.267-73, 1989.

Livros :

AUTOR. **Título do livro**. Edição. Local de publicação: Editora, Ano. Total de páginas.

MURRIA, R.D.H.; MÉNDEZ, J.; BROWN, S.A. **The natural coumarins**: occurrence, chemistry and

biochemistry. 3.ed. Chinchester: John Wiley & Sons, 1982. 702p.

Capítulos de livros:

AUTOR(ES) DO CAPÍTULO. Título do Capítulo. In: AUTOR (ES) do LIVRO. **Título do livro**: subtítulo. Edição. Local de Publicação: Editora, ano, página inicial-página final.

HUFFAKER, R.C. Protein metabolism. In: STEWARD, F.C. (Ed.). **Plant physiology**: a treatise. Orlando: Academic Press, 1983. p.267-33.

Tese ou Dissertação:

AUTOR. **Título em destaque**: subtítulo. Ano. Total de páginas. Categoria (grau e área de concentração) - Instituição, Universidade, Local.

OLIVEIRA, A.F.M. **Caracterização de Acanthaceae medicinais conhecidas como anador no nordeste do Brasil**. 1995. 125p. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração em Botânica) - Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Trabalho de Evento:

AUTOR(ES). Título do trabalho. In: Nome do evento em caixa alta, número, ano, local. **Tipo de publicação em destaque**... Local: Editora, ano, página inicial-página final.

VIEIRA, R.F.; MARTINS, M.V.M. Estudos etnobotânicos de espécies medicinais de uso popular no Cerrado. In: INTERNATIONAL SAVANNA SYMPOSIUM, 3., 1996, Brasília. **Proceedings**... Brasília: Embrapa, 1996. p.169-71.

Publicação Eletrônica:

AUTOR(ES). Título do artigo. **Título do periódico em destaque**, volume, número, página inicial-página final, ano. Local: editora, ano. Páginas. Disponível em: <[http:// www.....](http://www.....)>. Acesso em: dia mês (abreviado) ano.

PEREIRA, R.S. et al. Atividade antibacteriana de óleos essenciais em cepas isoladas de infecção urinária. **Revista de Saúde Pública**, v.38, n.2, p.326-8, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 18 abr. 2005.

Não citar resumos e relatórios de pesquisa a não ser que a informação seja muito importante e não tenha sido publicada de outra forma. Comunicações pessoais devem ser colocadas no rodapé da página onde aparecem no texto e evitadas se possível. Devem ser, também, evitadas citações do tipo Almeida (1994) citado por Souza (1997).

TABELAS: Devem ser inseridas no texto, com letra do tipo Arial 10, espaço simples. A palavra TABELA deve ser em letras maiúsculas, seguidas por algarismo arábico, quando citadas no texto devem ser em letras minúsculas (Tabela). O título da Tabela em Arial 12 e os dados dentro da Tabela em Arial 10.

FIGURAS: As ilustrações (gráficas, fotográficas, desenhos, mapas) devem ser em letras maiúsculas seguidas por algarismo arábico, Arial 12, inseridas no texto. Quando citadas no texto devem ser em letras minúsculas (Figura). As legendas e eixos das Figuras devem ser em Arial 10. As Figuras que são fotografias, pranchas, etc. devem ser enviadas também em arquivos separados, com resolução 300 DPI, 800 x 600, com extensão JPEG, para impressão de publicação.

Processo de avaliação: Os manuscritos são analisados por pelo menos dois pareceristas, segundo roteiro de análise, baseado principalmente no conteúdo científico. Os pareceristas recomendarão a aceitação, com ou sem necessidade de retornar; recusa ou sugerir reformulações, que neste caso, o artigo reformulado retornará aos pareceristas para avaliação final. Quando no mínimo 2 pareceristas aprovarem, sem necessidade de retornar, o artigo estará pronto para ser publicado. Os nomes dos pareceristas permanecerão em sigilo, omitindo-se também perante estes os nomes dos autores.

Direitos autorais: Ao encaminhar um manuscrito para a revista, os autores devem estar cientes de que, se aprovado para publicação, o copyright do artigo, incluindo os direitos de reprodução em todas as mídias e formatos, deverá ser concedido exclusivamente para a Revista Brasileira de Plantas Medicinais. A revista não recusará as

solicitações legítimas dos autores para reproduzir seus artigos.

ATENÇÃO: Artigos que não estiverem de acordo com essas normas serão devolvidos.

Observação: São de exclusiva responsabilidade dos autores as opiniões e conceitos emitidos nos trabalhos. Contudo, reserva-se ao Corpo Editorial, o direito de sugerir ou solicitar modificações que julgarem necessárias.